



TRIBUNA Livre

31
AGOSTO
1963

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOZA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - A M A R E S

Unidade Nacional Não somos todos Portugueses?

A Nação acaba de afirmar ao Governo, em autêntico plebiscito nacional, que aprova a sua política e a quer continuada. Este vai continuá-la no caminho recto que há muito traçou.

O seu êxito está em grande parte dependente do apoio da frente interna, mediante a união de todos os bons portugueses. Tem de encontrar-se essa união com a maior latitude. Para tanto não é preciso, como alguns de má fé lembram, ir convidar quem tem militado em fileiras opostas. É preciso, isso sim, unir as fileiras dos que crêem no Regime e o têm seguido.

Temos de concordar todos que alguns têm olhado mais à vaidade e ao interesse particular do que ao nacional e, assim, nas suas terras ou nos seus meios, tem causado a divisão.

Ora o momento é de pedir

a esses mesmos que voluntariamente aceitem que sejam chamados aqueles que representam o elo de ligação entre os bons portugueses, aqueles que não têm no seu passado nada que signifique divisão.

Seria um movimento nesse sentido o melhor que poderíamos oferecer à Nação para que ela possa vencer. O contrário será caminhar com pouca segurança aumentando as dificuldades a esse português excepcional que com o seu prestígio tem feito esquecer tantas anomalias e mal estar que outros semeiam em nome do seu interesse mesquinho de mandar sem tolerância e sem trabalho útil.

A hora é única, despresá-la pode ser causa de arrependimento mesmo para os que, orgulhosos e desmedidos, entendem que para além deles só tem direito a existir o dilúvio.

Por intermédio da Televisão, dos jornais e de outros órgãos da Imprensa e da Rádio, temos sido dado ver, ler, ouvir e anunciar as regalias que a Câmara Municipal de Lisboa prodigaliza aos alfacinhas.

Tais regalias vão desde piscinas populares e gratuitas para adultos e crianças, até aos parques infantis, às cantinas escolares, ao fornecimento gra-

tuído de leite às crianças das escolas, às bibliotecas, as colónias de férias e ao teatro gratuito no Palácio dos Desportos e ainda a constantes serões para trabalhadores, Parques de campismo, escolas, Banquetes, casamentos, etc., etc. e muitas outras estão já a ser prometidas para futuro próximo, com as larguíssimas possibilidades que

o Município pode proporcionar. A par destes benefícios muitos outros existem que não sendo gratuitos são compatíveis com um elevado nível de vida. Nestes estão incluídos os preços dos Transportes e da electricidade, mola real da vida doméstica e industrial.

Outros existem também e de grande valor no que se refere a higiene, saúde, e conforto onde todos os problemas estão resolvidos. Ainda é possível à Câmara de Lisboa dar 2.000 contos à de Luanda. Este estado de coisas, é no entanto, e lamentavelmente, um contraste com o que se passa nos pobres municípios rurais da província.

Enquanto que esta, tem todos os problemas resolvidos e se pode dar ao luxo, muito louvável, de proporcionar aos municípios todas as regalias e benesses, nas nossas Câmaras tudo falta.

Nós que temos responsabilidades na administração municipal e que sabemos os problemas financeiros que as afligem, é com verdadeira mágoa que vemos tais diferenças de tratamento entre portugueses.

(Continua na 2.ª página)

(Continua na 5.ª página)

O discurso de Salazar no Brasil

O discurso do Presidente do Conselho, se agradou inteiramente aos portugueses do Brasil, não foi bem recebido pelos esquerdistas e pelos inimigos de Portugal. Se aos primeiros disse as palavras que eles realmente esperavam ouvir, nos segundos provocou uma grande decepção.

Existia entre todos uma expectativa fora de comum por essa declaração de Salazar. A recente atitude do Brasil, votando contra Portugal no Conselho de Segurança da ONU e as manifestações da Imprensa brasileira e dos meios parlamentares haviam criado um ambiente de excepcional interesse. De tal modo que o discurso foi retransmitido por duas emissoras e publicado, na íntegra, em três diários cariocas—além de extratos telegráficos em toda a Imprensa brasileira.

Da parte dos portugueses e dos brasileiros nossos amigos receava-se que o discurso viesse criar dificuldades às re-

lações luso-brasileiras, motivadas por qualquer crítica mais viva que Salazar ousasse fazer a essa atitude do Governo de Brasília. Um jornalista carioca, muito ligado às coisas portuguesas, telefonava-me na manhã desse dia, profundamente alarmado pela repercussão que as palavras do Presidente do Conselho pudessem trazer, em sentido negativo, aos interesses portugueses no Brasil.

Os inimigos de Portugal, quase todos alinhando na ex-

OS VINHOS VERDES

OBRIGADOS Senhor Ministro

É com grande satisfação que vemos resolver-se o problema dos nossos vinhos. Ao tratarmos este momentoso problema, nos nossos dois artigos anteriores, prevíamos exactamente, como uma grande medida, que a nossa região fosse entregue à Junta Nacional do Vinho, porque sabíamos dos benefícios espalhados por este organismo nas regiões a que se estende a sua jurisdição.

Ainda no artigo do último número deste jornal nos insurgíamos contra a actividade da Comissão de V. da R. dos V. Verdes única culpada do estado de coisas a que chegamos.

Saudamos nesse número a vinda até nós da Junta N. do Vinho e pedíamos mais poderes para a mesma.

Pois precisamente como pedíamos ao Governo,—justiça se faça—pelo Ministério da Economia e Secretaria da Agricultura, ia tomando as medidas necessárias à resolução dos problemas

dos nossos Vinhos. Primeiro com a queima de 50.000 pipas, para sustentar o relaxamento dos preços e escoar as adegas e agora, por um Decreto-Lei em que a Região dos Vinhos Verdes é entregue à Junta.

No preâmbulo dessa lei lê-se:

«O reconhecimento da fal-

Continua na 4.ª página

A viagem Presidencial

a Angola

Bem pode dizer-se que todos os dias, quer por telegramas ou mensagens das Câmaras Municipais, Associações, Sindicatos e outros organismos representativos das populações, quer por artigos nos diversos órgãos regionalistas da Província, continuam a chegar até ao Governo-Geral de Angola os desejos das popula-

ções, de uma ponta a outra do território, de receberem a visita do Chefe do Estado, quando da sua anunciada e próxima deslocação a esta parcela de Portugal.

O facto nada tem de extraordinário para nós, portugueses, em especial, para os

Continua na 5.ª página

Manifestação de apoio

ao Chefe do Governo

Acorreu o País com entusiasmo a prestar homenagem e apoio ao Chefe do Governo. Lisboa nunca foi invadida por tamanha avalanche de gente que a inundou.

O País sente a gravidade do momento e que não há outra orientação possível, de acordo com os interesses nacionais, do que aquela que está traçada e tem de ser seguida.

Salazar viu em volta de si a maior massa humana que em qualquer momento se reuniu no nosso País para tal efeito, a que lhe quiz dizer que o acompanha nos esforços e orientação que vem seguindo.

Já o mesma tinham feito as principais cidades do nosso Ultramar, com referência es-

pecial para Luanda, onde se vivem horas de profundo e sentido portuguesismo.

Findo isto e quanto ao aspecto interno o Senhor Presidente do Conselho pode continuar tranquilo. O mesmo não acontecerá com o estrangeiro que achou oportuno colocar o caso português na agenda de todas as reuniões internacionais para nos atacar.

Impávidos os nossos aliados ou se alheiam ou nos atacam. Esquecem-se que se estamos a usar de prudência agora, caso se desse o desmoronamento que pretendem, nunca mais português algum sentiria que em nossos territórios parasse o que quer que fosse desses aliados, fosse para que objectivo fôsse,

TRIBUNA FEMININA

A Ronda das Colecções

O sizudo, pacato, calmo heim torna-se revolucionário, ao voltar com a moda uns bons vinte anos para trás

Depois da «guerra das lagostas» (França - Brasil), depois da «guerra do frango» (Estados Unidos-Mercado Comum), fala-se agora, da «guerra das saias», mas esta uma disputa interna francesa travada principalmente entre as casas Dior (que teima no joelho à mostra) e Hoim (que desce as bainhas até ao tornozelo). Parece difícil a previsão de qual das tendências se imporá, porque os grandes compradores de todo o mundo adquiriram cópias de vários modelos nas duas casas de costura. Heim, que, até aqui, sempre priva por apresentar uma moda senhoril e delicada, deu, nas últimas passagens de modelos, uma colecção cheia de audácias, que parece feita para agradar exclusivamente às de meados de vinte anos. Com a única excepção, é claro, das saias, que, essas, parecem destinadas a pudibundas avózinhas.

A colecção é toda de «volta atrás». Reaparecem os grandes lenços amarrados por debaixo do queixo no estilo «velha alcoviteira» — em padrões de grandes desenhos, quando são de lã ou de seda; com riscas ou grandes malhas, quando são de pele. Retornam os canos altos a tapar as pernas como há trinta anos, seja em botas «à pescador», cujo cano vai até à bainha da saia — geralmente de couro, de pele ou de suas imitações de plástico — seja em polainas — de malha ou do mesmo «tweed» do «tailleur» ou do casaco comprido. Como a moda 1964 se preocupa imenso em não deixar arrefecer os pés das elegantes, há encantadores modelos de peúgas («socquettes») para as senhoras que não simpatizarem com as pernas tapadas ou ainda meias em malha de lã, com desenhos escoceses ou, quando lisas, no tom predominante do vestuário (agora tudo tem de combinar com tudo): «bordeaux», preto, castanho, verde, rosa, cereja ou encarnado, que são evidentemente, as cores da moda.

Os vestidos da colecção são de dois estilos completamente diferentes. Há os de cinta fina e saia amplamente rodada e o «fourreau», que não marca a cintura e necessita de duas aberturas, que permitam o andar.

Os «tailleurs» são desportivos, têm saias enviezadas, casacos de ombros largos que chegam às ancas e muitas algibeiras. Usam-se a todas as horas. Os de «cocktail-teatro»

são ligeiramente mais femininos e confeccionam-se em veludo ou em setim, mas nos dois casos em preto, acompanhando-se em blusas de renda ou de «chiffon» em branco ou em rosa-bombom.

Os casacos compridos seguem a mesma linha de ombros, têm manga justa e comprida, golas que tapam o nariz e os ouvidos, corpos geralmente ajustados, avolumando, a partir da cintura, por meio de pregas ou de grande folho cortado «à jeito». As fazendas empregadas são grossas e felpudas, mas a grande maioria é de pele. Grandes capuchos, absolutamente convencionais, cobrem os cabelos ou o chapéu.

Se a moda Heim pegar, a mulher — de 1964 vai parecer-se extraordinariamente com a mulher — 1947. São os mesmos ombros quadrados — talvez demasiado masculinos; é a mesma cintura — no seu lugar e ajustada; são as mesmas «socquettes» e iguais barras de pele. Quando tudo isto é aliado a um pequeno gorro de pele e a um regalo, ficamos, como então, com uma silhueta à Ana Karenina.

Os cabelos também vão usar-se arrapazados, muito curtos e com dois caracóis sobre as orelhas. Mas com os vestidos de noite usam-se postigos ou grandes ramos de flores artificiais (muitas delas em cabelo lacado que se pregam de forma tão hábil que a cabeça fica um primor.

Outra loucura da próxima estação vai ser o bolero curto. Pode dizer-se que não há vestido de tarde ou de noite que não o tenha. Os dos primeiros são do tecido do vestido, de pele ou de veludo. Os dos segundos são do mesmo tecido do vestido, mas cobrem-se de sequins, de pérolas, de lan-tejoulas ou de bordados em ouro ou em prata. A sua voga é tal que alguns modelos da colecção têm um bolero fingido por meio de bordados em duas ou três ordens de sequins.

Estou a ouvir as senhoras a lastimarem com o novo comprimento das mangas e das saias. Não se assustem, porém. Os costureiros que vestem as mulheres ricas nunca se esquecem das pobres. Por isso a nova moda nos traz as golas altas e os folhos «em forma» nos decotes — maneira de «refrescar» o corpo de um modelo do inverno passado; os «godets» no fundo das mangas — modo de fazer che-

gar ao pulso as nossas mangas a três-quartos; e o grande folho «à jeito» no fundo dos casacos — lá ficamos nós com a saia até ao tornozelo. E não nos preocupemos, se já não houver fazenda igual para o arranjo. Estes vários folhos podem ser de «chiffon» ou de «nylon» nos modelos de mais vestir, mas para as fazendas lisas podemos usá-los em «tweed» escocês e nas de fantasia é admissível o arranjo em tom liso. As barrinhas de pele são outra das soluções que a moda nos propõe. E sai sempre mais barata uma tira de pele (que nós próprias cozeremos em casa) do que comprar nova fazenda e pagar outro feitiço, com as costumadas alcavalas de botões, forros e fechos de correr.

Aqui muito para nós, nunca, como nesta estação, a moda nos pareceu tão louca. Geralmente há sempre um ajuste de compromisso entre os costureiros parisienses para que em cada estação as linhas essenciais sejam seguidas por todos. Agora isso acabou. Qual o comprimento de saias que vencerá, descendo à rua, é o que mais nos preocupa. Se bem que assim poderemos andar, ao menos por enquanto, como quizermos, pois sempre estaremos à moda. Isto é, a moda Heim. Temos ainda outra solução. A de meio termo. Usaremos, nesse caso, a saia a meia-haste...

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	50\$00
Semestre	25\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Telefone do serviço permanente dos Bombeiros Voluntários de Amares

6 2 1 6 2

Grandiosa Romaria à SENHORA DO PORTO

NOS DIAS 7 E 8 DE SETEMBRO DE 1963

PORTO D'AVE — PÓVOA DE LANHOSO

PROGRAMA

As novenas começaram no dia 30 de Agosto às 9 horas.

DIA 7 DE SETEMBRO

De manhã conclusão da novena e confesso.

Às 12 horas — Fogo. Entrada de uma banda de música.

À Tarde — Concerto Musical.

À Noite — Grandiosa Procissão de Velas — Música — Fogo — Iluminação.

DIA 8 DE SETEMBRO

Às 7 horas — Missa rezada — Comunhão geral.

Às 10,30 — Missa cantada a grande instrumental e sermão.

Às 16,30 — Missa vespertina e comunhão.

Às 17 horas — Majestosa Procissão — Duas bandas de música. Vistosos andores — Muitos ajinhos e figuras alegóricas.

À NOITE: Lindíssimas iluminações eléctricas. Concerto das Bandas.

À meia noite — Deslumbrante sessão de fogo de artifício.

Gente do Norte: Todos a Porto d'Ave no dia 8 de Setembro!

O discurso de Salazar no Brasil

trema esquerda, espreavam, por seu lado, que Salazar lançasse «lenha na fogueira», de modo que eles pudessem, com novos argumentos, reiniciar os seus ataques ao nosso país e ao Governo de Lisboa. Estes sentiram-se inteiramente frustrados, pois Salazar nem sequer fez qualquer referência directa à atitude do Brasil, o que certamente os deixou bastante contrariados. As palavras do Presidente do Conselho colocaram-se num plano tão alto, de tamanha dignidade, que esses elementos ficaram sem uma possível e imediata argumentação. Os comentários da Imprensa, que antes eram quase diários, desapareceram assim como que por encanto. O que não quer dizer, evidentemente, que não se trate de uma simples pausa. Porque já em Setembro, com a reunião da Assembleia Geral da ONU, os motivos de ataque hão-de surgir novamente...

Os portugueses sentiram-se

satisfeitos, tanto como patriotas como em relação à amizade luso-brasileira, pois se, no primeiro caso, as palavras de Salazar traduziram o seu estado de espírito, no segundo vieram trazer-lhes a certeza de que as relações entre os dois países não sofrerão com as circunstâncias do momento, por muito amargas que estas sejam para nós.

No plano nacional, todos confiam e apoiam a política que está a ser seguida pelo Governo de Lisboa. Ninguém admitiria qualquer transigência com os inimigos. Como disse Salazar, outras crises temos sofrido, ao longo da história. Também esta se há-de vencer com a decisão e a coragem que o momento exige. O importante é que nos mantenhamos unidos e com uma vontade inquebrantável, quaisquer que sejam as dificuldades a vencer. Os portugueses de hoje têm de ser dignos dos portugueses de ontem. — ANI

BOLETIM DE ASSINATURA

Queiram considerar-me assinante da obra «LENDAS DE PORTUGAL», enviando-me:

- * Um fascículo por mês, ao preço de VINTE ESCUDOS
- * Dois fascículos por mês, ao preço de TRINTA E SETE ESCUDOS E CINQUENTA CENTAVOS
- * Séries de seis fascículos, ao preço de CENTO E DEZ ESC.
- * Séries de doze fascículos, ao preço de DUZENTOS E VINTE ESCUDOS.

(Riscar o que não interessa)

Nome

Morada

(Escrever de forma bem legível)

Visado pela C. de Censura

TRIBUNA do CONCELHO

CAIRES

VÁRIAS NOTÍCIAS

DE VISITA

Deu-nos o prazer da sua muito estimada visita o Senhor Domingos Antunes de Almeida, que com a sua esposa D. Maria Natália das Neves Almeida e de seus três filhinhos: Manuel José, Carlos Alberto e Maria de Fátima, se encontram entre nós na sua linda Vivenda do Padrão Novo a passar uma boa temporada de férias, após longo e árduo labor em Luanda. Apetecemos-lhes óptima saúde.

ÓBITOS

Foi aqui muito sentida a morte do Senhor Arcebispo Primaz; a sua bela alma vai ser dignamente sufragada aqui e em todo o arcepresbiterado. Como disse o Senhor Arcipreste, Ele era realmente, um Pai.

Também choramos amargamente a morte do Senhor Daniel da Silva Gonçalves, ocorrido no Porto no passado dia 22 de Agosto, que deixou para trás a Senhora D. Flormina Pereira da Silva Almeida. A missa do 7.º dia na nossa Igreja matriz, foi bastante concorrida. Paz á sua alma e sentidas condolências á esposa e a toda a família.

EM FÉRIAS

Encontra-se em férias o brioso Seminarista António José de Almeida Borges, que fez um exame distinto no Seminário das Missões de Cucujães — bem como o estudante do Liceu Sá de Miranda, Manuel Plácido de Almeida Alves que também ficou distinto no exame; fica a viver no Lar Beato Nuno, junto ao Liceu, Casa que muito recomendamos a todos os nossos jovens estudantes.

A nossa representação de Caires, á grande manifestação a Salazar na passada 3.ª feira, em Lisboa, foi dirigida pelo Senhor José Maria Alves, elemento muito sério e competente das nossas Autoridades locais. Tiveram uma óptima Viagem, com eles, dissemos todos: Obrigados, Salazar.

BÓDAS DE PRATA

No passada Domingo, dia 25, celebrou as suas bodas de prata o Senhor P.º João Francisco Rodrigues Pereira, zeloso abade de S. João da Balança e S. Mateus da Ribeira. As festas foram deslumbrantes e foram realizadas e pagas por todo o clero de Terras de Bouro.

Gostei imenso desse gesto e dessa união clerical. Que isso sirva de exemplo. Já que somos condiscípulos do Homenageado e agradecemos o convite que nos foi feito, daqui enviamos um abraço ao P.º João e a todo o clero de Terras de Bouro, propondo e enviando-lhes uma viva saudação e exarando-a no abraço, Jornal ou Boteim inter-paroquial de Terras de Bouro, que leio sempre com muito agrado. Parabéns.

ANIVERSÁRIOS

Festejaram solenemente os seus anos: no dia 23, o Snr. Joaquim Gonçalves Batista, Maria Lucília Macedo Martins, P.º Alípio Quintas Neves, Américo Dias Pissão e Adelino Silva, nosso regedor; dia 24, a Senhora D. Maria José Calheiros de Abreu; dia 25, o Senhor Narciso Jose Gonçalves; dia 26, Fernando José da Silva e sua mana Rosa Maria; dia 27 o Senhor Virgílio Menezes e P.º Salvador Araújo de Sousa; dia 30, o P.º Sebastião Campos e hoje dia 31, a Senhora D. Maria Manuela Pinheiro de Almeida Calheiros de Abreu, filha muito querida do nosso grande e velho amigo, Uerba. Felicidades e longa vida para todos. — C.

Quem Canta...

De que me serve ter lira,
Roçar-lhe as cordas de leve,
E decantar os encantos
D'aquela imagem de neve!...

Mão fria, coração quente,
Diz o provérbio modêlo...
Quando eu ontem lh'a apertei
A sua mão era gelo!

Acredito piamente
Do contrário ela teria
Bem gelado o coração.

Fico triste ao vê-la triste,
N'aquela ar meditando;
Ai, meu Deus, porque há-de haver
Estas penas pelo mundo!...

Ai, quem me dera poder
Suas penas arrancar,
E no cofre do meu peito
Só para mim as guardar.

As minhas eu já afeito,
Mais estas eu sofreria,
Contanto—que aqueles olhos
Brilhassem só d'alegria.

Sorri á vida, donzela,
Ó primavera a florir.
Botão de rosa entreaberto,
Tanto perfume a espargir!

U E R B A

Aos Zeladores

Municipais

Já aqui chamei atenção dos Senhores Zeladores quanto á atitude tomada por alguns chauffers passando com os seus pesados camiões por cima das guias e passeios, quando saem do parque de estacionamento no Largo Dr. Oliveira Salazar.

Ainda não foram tomadas providências. Qual o motivo?

Agora venho lembrar-lhes que as grandes vilimas são as árvores que se estendem desde as bombas de gasolina até ao jardim. Causa mágoa ver como elas por vezes são tratadas.

Prestam um serviço extraordinário os Snrs. Zeladores fazendo-lhes conhecer as respectivas fusturas que regulam os casos.

C.

Falecimento

FERREIROS

Faleceu no passado dia 18, a Sra. D. Maria Carolina Rodrigues.

Mãe da senhora D. Hirmínia Rodrigues e do Senhor João da Silva R. Junior, assinante do nosso jornal e residente em Oliveira de Azemeis.

À família enlutada «Tribuna Livre» apresenta sentidas condolências.

O fim de mais umas férias

Terminaram quando deviam principiar estes diazitos de descanso e completa distração!

Tivemos entre nós o Senhor Evaristo Silva residente em Lisboa e natural de Caniçada Vieira do Minho; é sempre com grande interesse que este conterrâneo espera o mês de Agosto para vir descansar as fadigas d'um ano de labuta, á sua terra natal; este ano acompanhado de dois colegas Sidónio e Ricardo Barbosa, bem como ainda o sucessor de Manuel Faria, aqui passaram 15 dias em beleza entregues ao desporto, ao passeio e á conquista; desempenhando o papel de cicerone e mostrando todos os encantos do nosso Minho aos seus colegas que muito os maravilhou; porém o tempo correu veloz e aproximou-se bem depressa com tristeza para eles e para nós, o seu regresso á capital.

Mais um maço de fotografias e umas anotações na agenda com passos intitulados «Férias de 63».

Passos estes com titulos curtos, como sejam: o Pombo

dos 50, os três sacos, o atleta recordista, as grandolistas da pensão, a fome de Viana, a fartura do Mendes, a cólica da suéca, a minhota etc. Enfim um sem número de titulos com história.

Permita Deus que no ano de 64 nos seja possível realizar os projectos que este ano já deixamos feitos.

Nós todos, na companhia das escolhidas e em situação diferente, recordaremos todos estes factos, matando saudades.

Ao Sidónio, Evaristo e Ricardo, envio um sincero, abraço daqui do Minho com um beijo ao Jorgito.

Até ao ano querendo Deus.

O amigo sincero.

José Silva

F. C. de Amares

CONVOCATÓRIA

Convocamos todos os elementos abaixo mencionados afim de comparecerem no Campo de Jogos Luis Calheiros de Abreu, no dia 8 de Setembro ás 8,30 horas da manhã, para assim prestarem provas e dar começo aos treinos.

José Martins, Augusto Machado, Manuel Rodrigues Velloso, João de Barros, António de Almeida, Manuel Pereira de Macedo, Joaquim de Jesus, Armando Martins, Carlos Dias, José Lúcio, Manuel Gomes Martins, Joaquim Macedo, João Gualberto (filho), Carlos Gonçalves e Francisco Peixoto.

Treinador: — Manuel A. Pereira Janela.

Preparador-físico: — Ulisses Valter da Silva.

Se por lapso não for mencionado o nome de qualquer elemento pedimos desculpa, e a sua comparação.

Pedimos também, a comparação de elementos de outras partes do Concelho, que desejem prestar provas. É bom, que todos os elementos se façam acompanhar dos seus fatos de ginástica e sapatilhas, se possuírem.

A Direcção,

Optimo alimento para os animais

Grainha de Uva limpa e Sêca

Vende-se em conta, pequenas ou grandes quantidades, pode ser entregue ao domicílio.

Telefonar para o n.º 36104

Visado pela Censur

Limpeza Pública

Que é feito do encarregado da limpeza pública?

Ele não terá olhos para ver o lixo junto dos Edifícios Públicos?

Mais, o Largo Dr. Oliveira Salazar está imundo e em alguns pontos mais parece um campo com pastagens do que um largo público. Nestes dias de verão é invadido por turistas levando estes uma péssima impressão acerca de limpeza do nosso meio.

Que feio aspecto e que desmaseio.

Vamos Senhor encarregado, ou encarregados, é bom resolver este problema com urgência.

C.

S. Vicente do Rico

Capitão Manuel Joaquim Gonçalves da Costa

Tivemos o grato prazer de receber na nossa redacção o Snr. Capitão Manuel J. G. da Costa, residente em Lisboa, grande benfeitor da sua terra e assinante do nosso Jornal.

Trocamos com ele algumas impressões acerca do nosso semanário, classificando-o como um dos melhores órgãos da imprensa regional.

O Snr. Capitão comprou os dois últimos volumes da Monografia do Concelho.

C.

Obrigados, Senhor Ministro

ta de uma acção generalizada no campo da intervenção do mercado do vinho com o fim de regularizar o escoamento das produções das regiões demarcadas, levou o Governo, na defesa do desenvolvimento de uma acção económica de carácter Nacional, à publicação do Decreto-lei n.º 45064 de 6 de Junho de 1963, com referência a região demarcada do Dão. No prosseguimento dessa política, impõe-se proceder ao alargamento de acção da Junta Nacional do Vinho à área da região demarcada dos vinhos verdes». Essa acção de regularização — determina a lei — inclui o financiamento aos produtores e o fomento de exportação vinícola.

Serão aplicáveis à região dos Vinhos Verdes todos os preceitos legais em vigor para a área da Junta N. do Vinho.»

Estamos pois de parabéns e temos de ser muito gratos ao Governo por estas medidas de excepcional alcance para a nossa região e de valorização para os nossos vinhos.

Temos a certeza da expansão dos nossos vinhos, tão apreciados no país e ultramar, pela sua espiritualidade e frescura.

Assim já a nossa lavoura, pode confiadamente, produzir, tratar e cuidar dos seus vinhos, na certeza de que o seu esforço é compensado, e a sua economia está defendida.

Queira Deus que os preços da nova colheita a fixar pela Junta sejam idênticos aos que nós alvitramos no nosso primeiro artigo, ainda que a nossa contribuição seja pesada.

De qualquer forma, o que é certo é que acertou-se o passo e estamos já a caminhar para uma vida melhor. Que assim se vão resol-

vendo os vários problemas da Lavoura, são os nossos votos, para que haja a confiança necessária e um maior apego às coisas agrícolas.

Paulo Macedo

A Brincar

(Continuação da 6.ª página)

Roque. Quando li a notícia ri-me pois acreditava noutro. A volta acabou... o Roque ganhou-a e a «Tribuna» não embandeira em arco. Que modestos estes homens são. Calam-se em vez de virem dizer: Como nós vaticinamos por isto mais aquilo, por A mais B, fulano ganhou... etc... etc.

Não sabem fazer jornalismo, explorar os êxitos, só sabem estar calados...

Manias.

Sogros e Sogras

O motorista Manuel Grécio, (Maia do Ribatejo) por razões fúteis disparou um tiro de arma caçadeira contra o sogro, Cipriano Carlos Brito, de 70 anos, proprietário.

O septuagenário ficou gravemente ferido num braço e teve de ser socorrido no Hospital de Abrantes, enquanto o agressor era entregue às autoridades judiciais da Golegã.

Eis um género de agressões que repudiamos. Agredir um sogro ou uma sogra, pessoas que amorosamente criaram uma filha para, (quase sempre) gostosamente nos entregarem, acho revoltante.

...E se fosse Juiz, poderia perdoar outro género de agressões, mormente se o tempo de cadeia tivesse de ser longo de mais, mas o que não perdoaria, isso não, era uma agressão ao sogro... ou à sogra.

C. de L.

Realidades

DO FOMENTO AGRÁRIO

ECONOMIA RURAL

Ao lado das culturas, o fomento agrário impõe a solução de graves problemas económicos.

A nossa lavoura vive na pobreza causada pelo parasitarismo intermediário que a arruina com os baixos preços de compra — inferiores por vezes ao custo — e que depois vende com lucros ruinosos que agravam a economia de todos os consumidores.

Não é só um problema agrícola, mas geral, que se impõe resolver. Os produtos agrícolas devem pagar-se melhor, e baixar os respectivos lucros comerciais, e o mesmo deve fazer-se inexoravelmente para os géneros necessários à lavoura. Esta deve adquirir a preços mínimos os adubos, insecticidas, alimentos pecuários e as sementes. É para isso que a organização corporativa deve actuar sem contempções.

Cumprir-lhe eliminar por completo esse cancro que roi a economia agrícola. A importação compete à Corporação da Lavoura e só a ela.

Por forma inexplicável e inadmissível, tem-se procurado reduzir essa liberdade da lavoura para se manter um protecção imposto aos que em poucos anos fizeram fortunas à custa dos que trabalham na terra.

E assim a organização da Lavoura viu e está em riscos de ver ainda mais reduzida a importação da semente de batata para favorecer um mercantilismo que não tem já razão de existir.

Com os adubos passa-se o mesmo e é inconcebível que a importação dos fertilizantes seja feita por organismos da lavoura como honestamente se faz na Espanha.

As consequências de tal critério são mais graves do que se julga.

A lavoura não pode pagar os seus salários em igualdade aos industriais, e essa disparidade leva à emigração das populações rurais para os centros industriais ou para o estrangeiro, pelo que dentro em pouco se verão muitas áreas de cultura abandonadas, como já se constata em quintas completas, ou seja em lugar do aumento de produção que internacionalmente se procura a sua perda pura e simples.

Além dos salários, as populações rurais sofrem outros males.

As habitações muitas vezes de um conceito primitivo com as paredes internas de pedra nua, apenas caiada e sem resguardo no telhado de telha vã, a injustiça de lançar imposto sobre o vidro. Com altruísmo digno do maior louvor, tem-se esforçado o Governo pela construção económica para as classes trabalhadoras. É notável o que se tem feito para as habitações dos pescadores.

Para os trabalhadores agrícolas não se deu ainda um passo nesse sentido com lástima injusta e consequências sociais. Não tem assistência senão nos raros casos em que se tem criado as Casas do Povo, que deveriam tornar-se obrigatórias de facto.

Na compra de géneros agrícolas tem-se feito alguns esforços de moralização dignos de louvor. É o caso da Federação dos Produtores de Trigo, graças à qual se tem mantido os preços dos cereais.

Infelizmente, noutros sectores, nada se tem conseguido; como nos vinhos, em que em todo o Minho não se deu um passo para moralizar o tráfico. Nas madeiras é escandaloso o que se tem tolerado, para prejudicar os produtores e enriquecer indesejáveis. Na pecuária está-se agora a tentar moralizar o tráfico das carnes, mas nada existe pa-

ra as aves ou ovos, e até nas lãs é ineficiente o que se tem procurado fazer porque continuam os privilégios da traficância dos intermediários.

O fomento agrário impõe antes de tudo, como factor social a repressão total das aberrações que empobrecem a lavoura para os que prosperam como parasitas à custa dela.

É indispensável e urgente dar às populações rurais garantias de estabilidade e de respeito pelos seus direitos. O cultivador não deve ser mais mal pago, mais mal tratado do que o operário industrial ou trabalhador citadino. São todos portugueses, todos indispensáveis e igualmente dignos da consideração social.

Outro problema que se deve impor aos Grémios da Lavoura, e a formação de cooperativas de géneros alimentares, para embaratecer o seu custo aos agricultores ou trabalhadores da terra libertando-os dos altos lucros de uma aberração económica que já no século passado Basílio Teles condenava chamando-lhe micro comercialismo, dos pequenos comerciantes, sem capacidade de venda, pela redução dos clientes que obrigam a margem de lucro ruinosas para os compradores. É um problema gravíssimo e indispensável de remediar, e que as cooperativas podem atenuar.

Transcrito do Jornal «Debate»

Jornal Feminino

DA MULHER PARA A MULHER

A companheira de todas as horas

Uma revista feminina que os homens gostam de ler sai aos dias 1 e 15 de cada mês

Redacção, Administração e Publicidade:

Rua D. João IV, 904 Telef. 30796 PORTO

Vende-se em todas as tabacarias, se deseja ser assinante, escreva para a direcção acima, ou para a Redacção deste jornal



CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telef. 22526 BRAGA

RELOJOARIA
MAURICIO
QUEIROZ

Visado pela C. de Censura

Não somos todos Portugueses?

(Continuação da 1.ª Página)

Enquanto aquela empresa desta maneira, milhares de contos, e gasta em obras urbanas dezenas ou centenas de milhares, o nosso Município não consegue abstrair da sua receita ordinária de 1000 contos mais que 40 contos para todas as obras municipais.

E não pode porque se por um lado as despesas obrigatórias, oficialmente impostas, tudo absorvem, por outro tudo está contribuído sem possibilidades de aumento de receita, vinda dos contribuintes.

Nas despesas obrigatórias estão incluídas várias despesas com os serviços do Estado tais como: Ministério da Justiça — Ordenado e casa para o carcereiro, roupas para a cadeia, casas para magistrados, instalações judiciais, aluguer para as repartições dos Registo Civil e Predial, móveis e luz.

Ministério das Finanças — mobiliário, luz, telefone e aquecimento e instalações — Ministério do Interior, do Exército, e outro grande dispêndio em funcionários para atender a burocracia que por ali passa. Ministério da Educação Nacional — 50% no custo das escolas, aluguer de salas de aula, impressos e material didático e mobiliário, etc., etc.

Ministério da Saúde e Assistência — Internamento nos hospitais, médico municipal, assistência, porque este pobre concelho não tem hospital.

Tudo isto é ainda uma grande verba para o Estado que inside sobre parte das nossas receitas, são pagas, sem que de qualquer Ministério a Câmara receba qualquer benefício, para elas.

No que se refere então a internamentos hospitalares é um contra-senso que os concelhos rurais, que fornecem aos grandes centros uma emigração que os vai engrandecer e que nos enriquece, ainda tenham de ser os responsáveis pela assistência hospitalar durante 2 anos e por vezes muito mais, daqueles que daqui partem.

Tudo é esturquido às pobres Câmaras como a nossa, enquanto que às grandes tudo é facilitado e resolvido directamente pelos serviços centrais dependentes dos Ministérios.

Gasta a nossa Câmara cerca de 500 contos em ordenados com funcionários, muitos dos quais em serviços estranhos ao município, pois pelas câmaras passa a papelada de todos os ministérios, com destino aos municípios, desde a imigração aos serviços militares, policiais etc., etc.

Que pode uma Câmara fazer com 40 contos de disponibilidades para todas as suas obras?

Não temos nós direito a estradas, caminhos, ruas, saneamento, água potável, luz eléctrica, edifícios públicos decentes?

Num concelho como o nosso onde quase tudo está por fazer, como é possível realizar? É doloroso.

É necessário aliviar as Câmaras Pobres, de muitos dos seus encargos, que dizem respeito, em grande parte, a Ministérios, com que a Câmara nada tem que ver e que têm largas possibilidades de, pelos seus próprios meios, os resolverem.

Aos municípios pequenos e pobres é necessário deixar uma margem de receita que nunca devia ser inferior a 200 contos para as suas obras rurais, de urbanização de arruamentos e esgotos, assim como não faz sentido que a comparticipação atribuída a estas câmaras para melhoramentos urbanos estejam ainda a ser comparticipadas com 36%, genericamente.

Se uma ou outra obra supérflua, que se designa por urbana, merece não ser comparticipada com mais, não está certo que o saneamento, a pavimentação e abertura de ruas os edifícios públicos para as repartições do Estado, mercados e estradas de acesso a pontos turísticos, etc. não tenham comparticipações adequadas à natureza da obra e às possibilidades do município de forma que não continue a acontecer que só às câmaras das cidades e de grandes possibilidades, é possível realizar, as grandes obras e proporcionar todos os luxos e todas as comodidades aos seus municípios.

O sistema que está a ser adoptado para as obras rurais de uma percentagem conforme às possibilidades de cada Câmara é a que devia ser adoptado para os urbanos pois estes por vezes são mais necessários do que aqueles e exige-o o bem-estar dos povos.

EXEMPLO:

Está a nossa Câmara a proceder à pavimentação de uma parte da Vila, obra orçada em 380 contos a que corresponde a comparticipação do Estado de 136 contos.

Como podia fazer-se tal obra uma vez que a Câmara teria de dispôr de 244 contos, o que absorveria todas as disponibilidades de 6 anos?

E como podia fazer-se tal obra se a Câmara não tinha qualquer possibilidade financeira que chegasse se quer para iniciar a obra?

Tudo foi preciso arranjar num esforço ingente e também foi preciso que alguém por amor à terra e à obra Municipal fizesse sacrifícios sem conta. A obra é um facto mas, o que é certo, é que este esforço é impossível repetir-se, porque é demasiado grande para tão pequenos recursos e num futuro teremos de nos privar deste progresso tão necessário nos Concelhos Rurais.

Se essas alcavalas fossem eliminadas, os meios rurais poderiam desenvolver-se e ir criando aquele mínimo de condições que agora só são apatnágio das câmaras de 1.ª classe.

Outra aberração é a que se

passa com o preço da electricidade.

Para nós, cujas centrais estão instaladas nos nossos rios e que em parte os secaram, desviando o seu curso, com inormes prejuízos para toda a zona ribeirinha, o preço da electricidade é proibitivo.

É um verdadeiro suplício de Tântalo. Vêm aqui buscar a nossa riqueza, a força que dinamisa grandes cidades, que vai dar conforto a tantos lares que vai equilibrar tanta vida doméstica com o conforto que proporciona e move tanta indústria, vendida a preço que a tornam como um manancial vindo do céu.

Para nós é quase o fruto proibido. A nossa indústria não a pode utilizar, a lavoura que tanto necessitava de auxílio, está na mesma e nos usos domésticos nós não temos o direito de ter fogões e ferros eléctricos, aquecimento, porque o preço é incompatível com a sua utilização e é 3 vezes maior do que o da cidade.

Por sua vez a nossa Câmara nada pode fazer pois que a corrente incluindo as perdas custa-lhe mais de \$90. Paga pois a energia três vezes mais cara do que os outros grandes centros, como que *nós não fossemos todos portugueses*, com iguais direitos e obrigações.

Não poderia haver um fundo de compensação para que, como acontece com a gasolina o pão, o arroz, o açúcar, o bacalhau, etc., o seu preço fosse igual em todo o País. Têm mais necessidades e bolsas mais magras os pobres habitantes rurais, e a pobre agricultura que continua a dar tudo e a quase nada receber.

Por mais voltas que dêmos ao miolo não encontramos a razão para todos estes disparates. As vozes que se levantaram na Assembleia Nacional, pedindo amparo para as Câmaras Municipais, que pediram a descentralização dos grandes meios para evitar o exodo das populações rurais para as capitais que crescem desmedidamente, enquanto os centros rurais estiolam, e dos dirigentes que prometeram uma tarifa eléctrica única para todo o país, onde de igual modo somos Portugueses, não querem as coisas como se estão a processar, pois o que existe é o antídoto. É o escorração do excedente da população impelida para a imigração, e a escravidão daqueles que aqui são obrigados a mourejar o pão nosso de cada dia sem conforto, sem amparo e sem esperança de melhores dias.

O Problema é de fundo e é de tal importância para os povos que mereceria um inquérito oficial e uma completa transformação em todos os sectores. Bastaria por agora, no entanto, limar algumas arestas bem fáceis de polir, se houvesse boa vontade de forma a aliviar as Câmaras de pequenos encargos que não faz sentido lhe pertençam, eliminar

LENDAS DE PORTUGAL

Acaba de sair o 7.º tomo das «LENDAS DE PORTUGAL» publicação mensal da Editorial Universus.

Da autoria de Gentil Marques, a obra em referência, no tomo agora aparecido, insere três lendas completas e o princípio de outra, em que as tradições populares, no aspecto lendário, adquirem uma expressão de fulgurante encantamento.

«Folgosinho do Ar» recorda a época em que os nossos primeiros reis se entregaram à obra da conquista para a formação da Nação; Bálamo na Mão, é uma história em que se descreve a luta dos cristãos portugueses para se libertarem da tirania dum rei mouro, tirano e cruel; e os Quatro Irmãos constitui

uma narrativa angustiosa em que a amizade límpida que existia entre quatro jovens, de espírito são e alma limpa, se transforma em ódio implacável, lançando esses jovens numa luta em que nenhum deles triunfa — porque sucumbem na paleja.

Esta lenda faz lembrar o simbolismo da tragédia grega.

Todas as lendas são acompanhadas por ilustrações assinadas pelos mais representativos artistas plásticos, sucedendo ainda que cada uma das lendas tem um capítulo de notas eruditas que auxiliam a compreensão de certas passagens do texto.

A apresentação gráfica é das mais elegantes e perfectas.

A viagem Presidencial a Angola

Continuação da 1.ª página

que vivem longe da Mãe-Pátria — embora ao observador estrangeiro possa parecer uma demonstração exacerçada desses sentimentos patrióticos que a maior parte dos povos vão deixando cair em esquecimento num mundo em que a subordinação a ideologias do bloco está, infelizmente, apagando os sentimentos patrióticos.

O mundo de hoje oferece-nos, com efeito, e com excessiva frequência, o degradante espectáculo de povos cujas massas populares aplaudem ou vaiam os seus governantes e até mesmo os representantes supremos das respectivas nações, ao sabor de correntes ideológicas que, na maioria dos casos, nem sequer são de inspiração nacional.

Tal não é, porém, a situação que no nosso país se verifica a cada deslocação das entidades superiores da Nação; e quando se trata então do Supremo Magistrado o entusiasmo de todos os portugueses, sejam quais forem as classes sociais a que pertençam ou as latitudes em que vivem ou tenham nascido, e qualquer que seja a pigmentação da sua pele, manifesta-se em explosões de alegria bem sincera, sempre temperada de uma respeitosa veneração. Quanto a Angola, assim o puderam verificar os Presidentes Óscar Carmona e Craveiro Lopes; assim o verificará, agora, o Senhor Contra-Almirante Américo Thomaz.

Não temos dúvidas de que esta nova visita presidencial será, como as anteriores, mais uma nova e vibrante jornada de portuguesismo, afirmada ao mundo que nos observa; e

certa burocracia que tanto absorve o seu funcionalismo e um ajustamento do preço da energia eléctrica, e das comparticipações para as obras urbanas.

Será possível? Quem sabe! Aqui deixamos o nosso apêlo.

Paulo Macedo

não temos dúvidas, também, de que constituirá mais uma demonstração plena e insofismável da união de todos os portugueses de Angola — aqui nascidos ou aqui fixados — em torno da Pátria una e indivisível.

Claro que uma deslocação de tal natureza não pode, necessariamente, cobrir todo um vasto território de quase dois milhões e meio de quilómetros quadrados, onde as distâncias entre cidades principais se contam em regra pelas centenas de quilómetros.

É certo que Angola dispõe de uma excelente rede de aerodromos e que as grandes cidades não estão separadas entre si por mais de uma hora de voo. Na realidade, até mesmo as terras das fronteiras Norte, Leste e Sul da Província estão hoje mais próximas — em tempo de deslocação — do que há alguns anos atrás estavam algumas vilas dos arredores de Luanda. E a deslocação faz-se, também, com muito maior comodidade.

Estas diversas circunstâncias são, pois, de molde a tornar prematuras quaisquer notícias sobre o itinerário da visita presidencial a Angola. Estamos certos de que, por desejo do Senhor Presidente da República, além das cidades principais serão visitados muitos outros centros populacionais e empreendimentos de grande projecção na vida e no futuro da província.

Mas há, evidentemente, um somatório de circunstâncias a ponderar, desde o tempo disponível para a deslocação à permanência em cada cidade. Tudo isso terá de ser convenientemente estudado e ponderado — e não haverá lugar para quaisquer máguas, se porventura nem todos os desejos puderem ser satisfeitos: será, de facto, impossível satisfazer os desejos de todos os que gostariam de receber a honrosa visita do Chefe do Estado — os votos que, nesse sentido, continuam a chegar, diariamente, de todos os recantos de Angola. — ANI

Tribuna Desportiva

FUTEBOL INTERNACIONAL

A equipa de Juniores do BENFICA no torneio de S. Remo

A equipa de juniores do Benfica teve prometedora estreia no Torneio Internacional de S. Remo (Itália), porque conseguiu bater o Toulon por margem de golos (4-0) que não deixa dúvidas quanto à superioridade que venceu, principalmente na segunda parte; durante a qual marcou três golos sem resposta.

O seu ataque esteve frequentemente em acção e na luta que sustentou contra a defesa dos franceses levou sempre a melhor.

O Toulon, no sábado passado, vencera o adversário que será oposto ao Benfica e se tivesse ganho à equipa portuguesa teria assegurado a sua continuação na prova.

A sua defesa mostrou-se incapaz perante a maior agressividade dos atacantes Benfiquistas. Estes na primeira metade do desafio; superiorizaram-se ao Loulon, ascendente que se tornou mais flagrante na segunda parte e do qual resultou uma vitória justa e convincente.

Nova vitória do BENFICA por 2-0

O BENFICA defrontou na passada quarta-feira à noite a equipa italiana do Carlin's Boys; jogo que contava para a segunda eliminatória.

O BENFICA ao vencer a equipa italiana do Carlin's Boys por (2-0) classificou-se assim para as meias finais.

O Sporting

Joga no domingo na Caparica defrontando o grupo da Casa dos Pescadores

No próximo domingo, no campo Comandante Tenreiro, o grupo da Casa dos Pescadores defrontará um misto do Sporting.

O jogo está a ser aguardado com interesse e nele a turma local fará alinhar, entre outros os jogadores, Bastos Palmeiro Antunes, Moreira, Guilherme, Leonel e Custódio, que este ano ingressaram no clube.

O BENFICA

ainda não resolveu a situação do seu jogador Sidónio

É dada como certa a transferência de Sidónio, que na última temporada alinhou no Atlético.

O referido elemento tem treinado no Barreiro, prestando provas no Desportivo da CUF. Porém o Benfica, clube a que o jogador está vinculado ainda nada resolveu sobre o assunto.

A BRINCAR

Isto é que é comer

Foi eleito «glutão de 1963» o francês Michel Mirset, de 18 anos, que em cinco minutos e quarenta segundos devorou 227 gramas de carne de porco picada, uma omelette de 12 ovos, um frango com um quilo 135 gramas de peso, salada, um «camenbert» inteiro, doce e um bolo.

Quando li esta notícia lembrei-me do nosso Januário que na barraca do caldo verde, em noite de Santo António, «apenas» enquanto eu me sentava a seu lado e empunhava o talher — engoliu um frango que em peso não era menor do que o que comeu o francês Michel. Assim, se tivéssemos de mandar um representante a concurso deste género, eu opinava que mandássemos este nosso amigo pois não nos deixaria mal colocados...

...E se perdesse haveria de ser por pouco.

Humberto Delgado

No Rio de Janeiro existe uma Associação que usa o nome deste ex-general e o

tem portanto por patrono. Aconteceu, há dias, porém o que acontecerá sempre a este título: foi dali expulso... pois ficou em minoria. E agora o sr. Delgado apresentou um requerimento na sexta variação do Rio de Janeiro intimando a referida Associação a adoptar outro patrono no prazo de 30 dias. Justificando a sua decisão, Delgado, afirmou existir insuportável divergência entre a posição assumida por aquela associação perante o problema ultramarino de Portugal, e a sua própria atitude de «anticolonialista visceral».

É de ter pena deste louco Anticolonialista, diz ele. E nós lembramo-nos que foi justamente por lhe não entregarem o governo geral dum importante província do Ultramar que ele «virou». Anticolonialista agora... mas que tristeza — já nem os seus amigos que o escolheram para patrono o querem... expulsaram-no.

Apre, que Presidente nos queriam dar.

Que nabo

Aqui tão pertinho, em Ribeirão-Famalicão, foi colhido um nabo com sete quilos e meio de peso — meia arroba. Na mesma propriedade também foi colhido um pé de batateira com oito batatas pesando todas elas, cada uma, mais de um quilo.

Daqui felicitamos o proprietário senhor José Maria dos Santos Barroso por ter colhido tão belos exemplares.

Que com batatas e nabos assim qualquer lavrador fica vaidoso.

Desporto

Acabou já há bastante tempo a volta a Portugal em bicicleta. Este Jornal vaticinou no seu começo (dela volta) o triunfo do Sportinguista João

Continua na 4.ª página

Conservatória Regional de Braga

AVISO

Reabrem no próximo dia 1 a 10 de Setembro as inscrições neste estabelecimento de ensino artístico que, funcionando há dois anos na nossa cidade, tão boas provas tem dado já da sua eficiência.

Com professores escolhidos entre os mais competentes, funcionarão todas as classes de música, línguas e o Jardim Infantil, que aceita crianças entre os 3 e os 7 anos.

Chama-se a atenção das pessoas interessadas para a alteração das propinas, que devem ser consultadas na Secretaria do Conservatório ao Campo Novo, 42.

O F. C. DE AMARES

vai entrar em actividade

Com a recente organização de prognósticos «Toto-bola», veio possibilitar as organizações desportivas, de melhorar situações económicas e consequentemente melhoria de condições para os Clubes.

É precisamente o caso e equação, visto que dadas as facilidades e auxílio material, teremos a oportunidade de ver em actividade oficial, o nosso Clube.

Por circular recentemente distribuída aos clubes filiados, a Associação de Futebol de Braga, concede aos organismos inscritos naquele Organismo um subsídio de presença que será de 750\$00, facilidade na inscrição dos atletas e paga para cada deslocação, 6\$00 por quilómetro.

Ora, sendo assim, logo a direcção do F. C. de Amares à qual preside o entusiasta desportista, Manuel António Pereira Janela, encarou a possibilidade de fazer voltar aos campos de futebol, o nosso club, que tão grande número de belas tardes desportivas, tem proporcionado aos seus associados e simpatizantes.

Reunida a direcção foi resolvido convocar uma Assembleia Geral, para ser exposto aos associados a situação económica do clube e pedir a colaboração de todos.

Cremos não ser sacrifício grande, a todos os Feiranovenses de boa vontade contribuir com uma pequena cota mensal de 5\$00, podendo assim associar-se para uma simpática e popular organização desportiva, cuja existência tem cerca de duas de-

O Sporting

apresentou à CUF condições para a transferência de Figueiredo

O avançado Figueiredo que chegou a ser considerado certo no Belenenses parece agora que ingressará na CUF. Embora as condições que o Sporting apresentou para a cedência do seu jogador, mormente a quantia pedida, tivessem sido consideradas inaceitáveis para os «cufistas», o jogador continua a interessar e as conversações mantêm-se, sendo de prever que culminem com a passagem de Figueiredo para o grupo fabril.

F. C. de Amares

Assembleia Geral

Avisam-se todos os associados e simpatizantes do Futebol Clube de Amares, a reunirem-se em Assembleia Geral, que terá lugar no dia 7 de Setembro próximo, pelas 21 horas, na sede da Casa do Povo da Feira Nova, com a seguinte ordem do dia:

- Escolha de novos elementos directivos.
- Apreciar a situação económica do Clube e estudar a possibilidade de organizar uma campanha de sócios.
- Deliberar acerca da possibilidade do Clube entrar em actividade em provas oficiais.

Amares, 29 de Agosto de 1963
O Presidente da Assembleia Geral,
António Narciso G. Macedo

zenas de anos.

Apelamos, pois, para a boa compreensão e espírito bairrista de todos, no sentido de prestar a sua colaboração que muito engrandecerá o nosso clube.

Notícias do Gerês

Festa em honra de Santa Eufemia

No passado domingo realizou-se a festa de Santa Eufemia que foi muito concorrida e abrilhantada com linda procissão, indo à frente a Fanfara dos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos. A filarmónica era de S. Martinho da Gandara, Ponte de Lima, que exibiu-se até à meia noite com o seu repertório terminando com o hino do Gerês.

Tudo correu na melhor ordem, apenas há a lamentar que dois indivíduos na altura em que a procissão passava ter-se envolvido numa desordem em que tiveram de intervir as autoridades.

Em tratamento

Encontram-se em tratamento nesta instância termal o senhor General Santos Costa, vindo acompanhado de sua irmã Senhora D. Maria da Conceição Pereira dos Santos Bor-

ges do Couto e também o Senhor General Frederico Magalhães de Vilas Boas Vilar e Dr. João Cavaleiros Sobral Mendes, sócio gerente da Empresa das Águas do Gerês.

Desastre mortal

No dia 21 do corrente, na estrada que anda em construção do Vilar da Veiga para ligar no lugar da Ermida a que vem da Pedra Bela, deu-se um lamentável desastre em que perdeu a vida o trabalhador Moisés Balbino de Carvalho de 44 anos, natural de Eira Vedra e residente em Rio Caldo.

O infeliz ao desviar-se de uma descarga de tiros de pedreira no fim dos trabalhos fê-lo com tão pouca sorte que para quanto mais longe procurou fugir mais depressa uma pedra o atingia na cabeça causando-lhe morte imediata. Depois de todas as formalidades legais o corpo foi sepultado no cemitério de Rio Caldo, terra da sua residência.



COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO'

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

FUNDADA EM 1835
Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança
AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES